

UNIDADE 2

O UNIVERSO DA LITERATURA E DO LIVRO INFANTIL

2.1 OBJETIVO GERAL

Conceituar a literatura, elencar suas funções e apontar sua importância. Conceituar a literatura infantil. Dar a conhecer alguns fatos sobre a história da literatura e do livro infantil, desde o que lhes deu origem até as características que passaram a ter. Destacar alguns dos autores da literatura infantil no mundo e no Brasil.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

- a) justificar a importância da leitura da literatura;
 - b) explicar por que o livro infantil não é sinônimo de literatura infantil;
 - c) reconhecer a importância da ilustração no livro infantil;
 - d) descrever a diferença entre a literatura infantil no seu surgimento e a atual;
 - e) apontar os fatores que fizeram de Lobato um divisor de águas na literatura infantil brasileira.
-

2.3 LITERATURA: UMA FORMA DE CONHECIMENTO DO HUMANO

Você considera que a literatura infantil seja o conjunto de todos os livros infantis publicados? Tente formular sua própria resposta ou justificativa, antes de continuar a ler o texto desta unidade. Se quiser, registre suas considerações no espaço a seguir. Nas próximas unidades tentaremos dar algumas respostas e sentido a essas perguntas mas, desde já, mantenha sua reflexão em mente.

Figura 5 – Literatura infantil: o conjunto de todos os livros infantis publicados? Qual é sua resposta?



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Little_Red_Riding_Hood_-_J._W._Smith.jpg

A leitura pode ampliar e diversificar sua visão do mundo e do ser humano, especialmente a leitura de literatura, que é uma atividade em que ocorre um intenso processo mental. Este põe em ação as características cognitivas simbólicas e emocionais, sendo que o produto dessa atividade pode ser considerado uma conquista (PEREIRA; SOUZA; KIRCHOF, 2012).

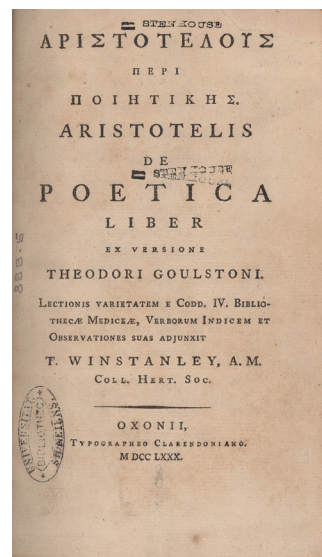
Roman Jakobson (1975, p. 11) afirmava que aquilo que torna determinada obra uma obra literária é a sua literariedade, ou seja, esse modo peculiar de uso da palavra e que torna cada texto literário único.

Transcreveremos a seguir algumas das ideias, principalmente sobre a literatura e seu papel na vida humana, registradas por alguns autores conceituados que fizeram suas reflexões a respeito. Na introdução de sua obra *Literatura ocidental*, *Salvatore D’Onofrio* (2000, p. 9) define a literatura como “[...] uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada.”. Então, literatura é arte, e a matéria-prima dessa arte é a palavra, portanto, arte da palavra. Assim brinda seu leitor com sentidos inusitados que o fazem fruir e refletir sobre seu significado. Ao colocá-lo diante das ambiguidades da língua e da linguagem, colocam-no simbolicamente diante das ambiguidades da própria vida.

Portanto, a literatura se distingue do texto informativo pela sua literariedade, como chamou *Roman Jakobson* (1975), aquilo que identifica uma obra como literária. Servindo-se da realidade como modelo, a literatura cria mundos que só existem no texto e que se materializam através de metáforas e outros recursos. Essa é a principal diferença entre a ficção e a não ficção, pois esta última não cria, apenas transmite uma realidade.

Na sua *Poética*, *Aristóteles* (1964) defende que a literatura tem três funções: a função cognitiva, a função estética e a função catártica. Posteriormente foi acrescentada mais uma função que se acredita ser desempenhada pela literatura – a político-social.

Figura 6 – A *Poética* (em grego antigo: *Περὶ ποιητικῆς*; em latim: *poietikés*), provavelmente registrada entre os anos 335 a.C. e 323 a.C. é um conjunto de anotações das aulas de Aristóteles sobre o tema da poesia e da arte em sua época, pertencentes aos seus escritos *acroamáticos* (para serem transmitidos oralmente aos seus alunos) ou *esotéricos* (textos para iniciados)



Fonte: *Wikimedia*⁶

Colocaremos em primeiro lugar a função estética, pois nos parece que esta seja verdadeiramente a primeira função e motivo da existência da literatura. A função estética se funda no uso artístico que é feito da palavra. Para *Sartre* (1989), a linguagem literária é aquela que permite captar o sentido subjetivo das palavras, ultrapassar o prosaico, alcançar transcendência, enfim.



Explicativo

A palavra já é um produto da criação humana e, quando usada artisticamente na literatura, tem uma função conotativa que lhe dá uma dimensão maior e mais ampla do que seu sentido trivial e cotidiano.

⁶ WIKIMEDIA. Aristóteles. **Aristotle poetics**. Disponível em: <<https://bit.ly/2Qkd8iC>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Mas a literatura também tem uma função cognitiva que se refere à aquisição do conhecimento. Pode-se dizer que o escritor literário internaliza a realidade de maneira própria e a revela a nós na sua obra. Por ter uma sensibilidade maior, sua percepção se materializa como arte, transfigurando a realidade. Embora a função cognitiva não nos pareça seu objetivo primeiro, a literatura também nos dá acesso a informações, seria como um efeito colateral. Quantas vezes a literatura nos ensina de maneira prazerosa fatos da História, que são enfadonhos de serem lidos em compêndios de História. Por meio das ações ficcionais dos personagens, pode-se descobrir como se comportavam as pessoas em determinada época, quais eram seus anseios; por que certos fatos eram relevantes naquele momento.

A literatura também tem uma função catártica porque provoca uma catarse, tanto no autor como no leitor. Ou seja, pode representar um alívio, uma descarga emocional, através dessa tensão, dessa ansiedade, de ordem psicológica ou moral causada pela vivência das emoções e tensões junto com os personagens das histórias.

Para *Sartre* (1989, p. 21):

[...] o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.

Assim, pode-se dizer que a literatura revela o mundo pela palavra. Tem e também cria no leitor compromissos éticos e políticos.

Para *Todorov* (2009, p. 77), a literatura é concebida como “[...] pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos.”. Nos faz viver experiências singulares, únicas, da nossa condição humana, podendo “[...] transformar a cada um de nós a partir de dentro.” (TODOROV, 2009, p. 76). Quem está em contato com a literatura, torna-se um conhecedor do ser humano, das diferentes facetas do ser humano. Das causas de suas alegrias ou tristezas. Das maneiras que o ser humano usa para resolver suas angústias, e das soluções que ele dá a seus problemas e conflitos. Por isso, a literatura precisa ser considerada um direito.

Antonio Candido (1995), justificando o título de seu texto, *O direito à literatura*, considera que todo ser humano tem direito à literatura; não há ser humano que consiga viver sem ela, “[...] sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 1995, p. 242). Essa satisfação que a literatura nos possibilita se constitui em fator imprescindível de humanização e, portanto, um direito que deve ser assegurado a todos.

Assim, o contato com a literatura e o livro deve ser iniciado precocemente na vida da criança. Deve ser estimulado e continuado ao longo da adolescência para que possa o indivíduo se tornar um adulto fluente na leitura literária. Com isso, poderá beneficiar-se de obras que vão enriquecer sua vida.

Por essa razão, vamos nos ocupar da literatura infantil a seguir.



2.3.1 Atividade

Depois da leitura do texto e transferindo para sua própria experiência de vida, justifique, na sua opinião, a necessidade de literatura na vida da criança e do jovem. Liste pelo menos três aspectos que você considere mais importantes.

1.

2.

3.

4.

5.

6.

Antes de prosseguirmos para a próxima seção, eu lhe pergunto: para você, livro infantil e literatura infantil são sinônimos? Pense um pouco sobre isso, justifique o que você concluiu e depois continue lendo o material referente a esta unidade.

2.4 A LITERATURA INFANTIL

“Um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto.” (MEIRELES, 1984).

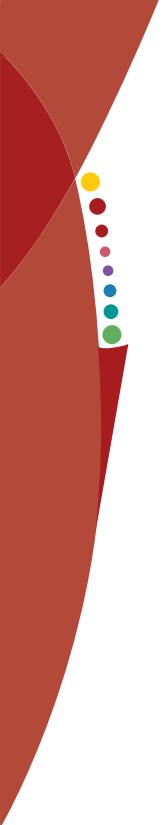
Quando se fala em literatura infantil, pode parecer a muitos que estamos falando na totalidade dos livros infantis. Alguns, pensando assim, consideram a literatura infantil como uma literatura “menor”. Entretanto, é preciso que se esclareça que livro infantil e literatura infantil não são sinônimos. O livro infantil, do qual falaremos na próxima aula, é todo livro publicado para a criança. Já por literatura infantil entende-se todo texto que, em primeiro lugar, apresenta qualidade literária e é adequado à criança. Atualmente também se considera literatura infantil aquelas obras que têm, não só o texto, mas também a ilustração de qualidade. Obviamente, dentre os livros infantis encontramos também a literatura infantil, que proporciona prazer à criança, pois tem atrativos que despertam sua sensibilidade. Para *Cecília Meireles* (1984), Literatura Infantil é aquela que as crianças leem com agrado.

Figura 7 – A literatura infantil apresenta qualidade literária e é adequada à criança, e inclui obras que têm, não só o texto, mas também a ilustração de qualidade



Fonte: Flickr⁷

⁷ FLICKR. Prefeitura de Belo Horizonte. **Prefeitura abre processo de seleção de livros literários para o kit escolar de 2013.** Disponível em: <<https://bit.ly/2RF0ZFh>>. Acesso em: 04 nov. 2018.



Mas qual é propósito da literatura infantil? A literatura infantil não deveria ter necessariamente uma primeira intenção pedagógica, didática, embora ela originalmente tenha nascido assim e com esse propósito. Os motivos ou efeitos psicossociais e informativos ou instrucionais não deveriam figurar como prioritários. Também não deveria ter motivos estritamente moralizantes, *Cecília Meireles*, em seu texto “Livros para crianças”, publicado no *Diário de Notícias*, em 1930, assim se manifestou:

Mas, há também quem suponha que, com boas intenções de pregar moral, será capaz de resolver o problema do livro infantil.

[...]

Como tudo é possível, talvez me esteja lendo alguém. E pode acontecer ser algum autor ou aficionado desses livrinhos sentenciosos, que ensinam que “quem faz o bem é recompensado”, que “mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, que “um dia é o dia da caça, outro do caçador”, e assim por diante. E essa pessoa, se existir, vai ficar escandalizada quando eu escrever agora que a moral é suscetível de variação, – essa moral, está claro, que anda assim à tonos provérbios e que, afinal de contas, a de uso generalizado...

Pois eu digo isso. E, como é meu costume, vou logo provando por que o faço: porque quem faz o bem para ser recompensado é egoísta; quem prefere um pássaro na mão a dois, ou mesmo a um, voando é interesseiro, e quem pensa que “um dia é da caça e outro é do caçador” tem, pelo menos, tendências à vingança...

Há muitas coisas bonitas para dizer à criança, sem entrar nesse dogmatismo decrépito e ridículo.

E pode fazer-se moral positiva, sem esse contraste de uso retórico. (MEIRELES, 1984, p. 122).

A boa literatura infantil deve ter, em primeiro lugar, um propósito estético ao lado do de entretenimento. E deve corresponder, de alguma forma, aos anseios por emoção do leitor infantil. É preciso que seja sobre algo que lhe interesse e desencadeie sua curiosidade. É preciso que a ação dos personagens e a sua personalidade sejam capazes de motivar alguma identificação. E que as soluções encontradas pelo autor sejam capazes de lhes causar gostosas surpresas. Enfim, é desejável que seja uma motriz de uma ação conjunta do imaginário e da fantasia.

A natureza e intensidade dessas emoções podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva. Não apenas ele se lembrará, até a morte, desse primeiro encantamento, [...]; muitas vezes, a repercussão tem resultados práticos: vocações que surgem, rumos de vida, determinações futuras. (MEIRELES, 1984, p.128).

Embora a literatura infantil tenha papel extremamente relevante na vida da criança que a ela tem acesso, sua valorização, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bastante recente.



Atenção

O livro infantil é todo livro publicado para a criança. Desse conjunto faz parte a literatura infantil, que além de ser uma publicação destinada à criança apresenta um texto e uma ilustração de qualidade estética.



2.4.1 Atividade

Você lembra de algum episódio de sua infância em que pôde perceber a importância de uma obra em sua vida naquele momento? Registre suas lembranças aqui.

2.4.2 Como tudo começou

Acredita-se que a origem mais remota da literatura infantil esteja nas longínquas narrativas orientais, como *Calila e Dimna*, que faziam parte do fabulário hindu *Pantchatantra*, possivelmente datadas do século III a.C. (CHALLITA, [198?]). Foram escritas originalmente em sânscrito e traduzidas para o árabe no século VIII d.C. São atribuídas ao sábio *Bidpai*, fabulista oriental que posteriormente foi comparado a *Esopo*. As histórias são encadeadas, como numa caixa de surpresas – uma saindo de dentro da outra. Seus personagens centrais são dois chacais, que agem como seres humanos. Na sua essência, constitui-se mais em um tratado político, no qual se evidencia a luta pelo poder e prevalece a lei do mais forte.

Além dessas, há também outras fontes, como as fábulas do grego *Esopo* (século VI a.C.) e as do romano *Fedro* (século I d.C.). Desses primórdios também faz parte o escritor latino *Lucius Apuleius* (125-164 d.C.), que foi autor de *Eros e Psique*, história que consta na obra *Metamorfoses*, também conhecida como *O asno de ouro* (THE GOLDEN..., 1956).

Figura 8 – Página de *Calila e Dimna* (*Manuscrito del Calila y Dimna* – Espanha, 1251-1261)



Fonte: Wikipédia⁸



Multimídia

Se você quiser ler *on-line* as outras histórias de *Calila e Dimna*, busque a tradução de *Al Mukafa, Ibn. Calila e Dimna* (tradução para o português, de *Mansour Challita*). Rio de Janeiro: Record.

Se você quiser ler as histórias do *Panchatantra*, busque em:

<<http://indianidades.blogspot.com.br/2008/04/o-panchatantra.html>>.

ou em

<<https://fabulassonhadas.wordpress.com/bidpai/>>.

Se você quiser ler a história de *Eros e Psique*, você pode acessá-la no capítulo V, na página 103, d’*O asno de ouro*, disponível em:

<<https://magiapdf.files.wordpress.com/2013/11/lucio-apuleio-o-asno-de-ouro.pdf>>.

Essas histórias começam a se tornar conhecidas no ocidente europeu durante a Idade Média, basicamente transmitidas de forma oral. Na época, essas narrativas inspiram e influenciam as narrativas medievais e acabam se popularizando na Europa, sendo posteriormente levadas a outras partes do mundo. Algumas delas se transformam em literatura folclórica e outras no que consideramos literatura infantil propriamente dita.

⁸ WIKIPÉDIA. **Fadrique de Castilla**. *Calila y Dimna*. Disponível em: <<https://bit.ly/2QgZXPb>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Outras coletâneas que contribuíram com histórias foram o *Romance da raposa*, o *Gesta romanorum* e também os contos d’*As mil e uma noites*.



Curiosidade

Romance da raposa data do período entre o século XII e o século XIII. É uma coletânea de histórias de animais, escrita em verso, em francês antigo, na Idade Média, por diversos autores, na sua maioria, anônimos. Os mais antigos datam de 1174 e são atribuídos a *Pierre de Saint-Cloud*.

Há uma adaptação recente para crianças, feita por *Brigitte Coppin* e traduzida para o português por *Heloísa Jahn*, publicada pela Companhia das Letrinhas em 2009, sob o título: *As aventuras de Renart, o raposo*.



Multimídia

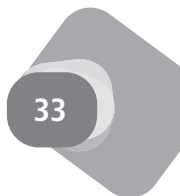
Talvez você não conheça a primeira versão escrita de *Cinderela*, que é chinesa e data do século VIII ou IX. Se tiver interesse em conhecê-la, poderá acessá-la em:

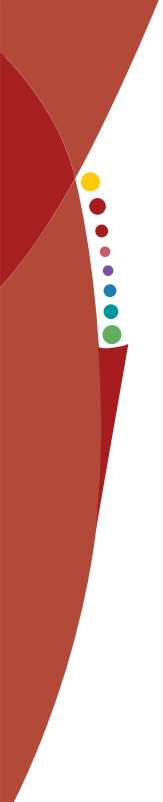
<<http://chines-classico.blogspot.com.br/2007/07/contos-chineses-por-lin-yutang.html>>.

Gesta romanorum é uma obra que se localiza temporalmente entre o final do século XIII e início do XIV, literalmente significando “feitos heróicos dos romanos”. Também é uma coletânea anônima de contos e anedotas e lições de moral, do período romano.



Fonte: WIKIPÉDIA. **Gesta Romanorum, Donaueschingen, ms 145, f. 74v**. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Gesta_Romanorum#/media/File:Gesta_Romanorum_-_Donaueschingen_74v.jpg>. Acesso em: 04 nov. 2018.





As mil e uma noites são uma coletânea de histórias e contos populares originários do Médio Oriente e do sul da Ásia, compiladas em língua árabe a partir do século IX. No Ocidente, a obra passou a ser conhecida a partir de uma tradução para o francês feita pelo orientalista *Antoine Galland* e publicada entre 1704 e 1717. As histórias que compõem a obra têm várias origens, incluindo os folclores indiano, persa e árabe. Os contos estão organizados como uma série de histórias em cadeia narrados por *Xerazade*, esposa do rei *Xariar*. Este rei, querendo vingar-se por ter sido traído por sua primeira esposa, casa com uma noiva diferente a cada noite, mandando matá-la na manhã seguinte. *Xerazade* consegue escapar a esse destino, contando histórias maravilhosas sobre diversos temas que estimulam a curiosidade do rei. Ao amanhecer, *Xerazade* interrompe cada conto para continuá-lo na noite seguinte, o que a mantém viva ao longo de mil e uma noites. Ao fim dessas, o rei já se arrependeu de seu comportamento e desistiu de executá-la (CHALLITA, [198?]; LADEIRA, 1997). Existe uma adaptação feita por *Ruth Rocha* e publicada pela editora Salamandra em 2010, sob o título de *Histórias das mil e uma noites*.

Mais para o final do século XVI, em 1575, temos notícia da primeira coletânea conhecida em português, escrita por *Gonçalo Fernandes Trancoso* – *Contos e histórias de proveito e exemplo* (TRAN-COSO, 1974). Constitui-se de contos, histórias e ditos. Os contos, ficção destinada principalmente a divertir; as histórias, narrações consideradas autênticas ou tradicionais, escolhidas pelo seu exemplo moral, e os ditos: aforismos – são frases notáveis, supostamente ditas por pessoas célebres.

Na passagem da época medieval para o Renascimento, momento em que a religiosidade cristã se encontra e se mescla com a redescoberta do mundo pagão, especialmente o grego, surge o humanismo e com ele a figura do homem liberal. Nesse contexto, *Gianfrancesco* (também se encontra com a grafia *Giovan Francesco*) *Straparola* (1485?-1558), escreve suas *Noites prazerosas* (STRAPAROLA, 2007), que foram publicadas em Veneza em duas partes – a primeira em 1550 e a segunda, pelo enorme sucesso alcançado com a primeira, em 1553. Nessa época, as narrativas ainda têm a característica de serem “exemplares”, mas com um tom mais jocoso.

A figura mais importante, já agora no século XVII, foi principalmente *Giambattista Basile* (1566-1632), que escreve, entre 1634 e 1636, *O conto dos contos ou entretenimento para os pequenos* (BASILE, 1909). Os contos que figuram nessa obra provavelmente pertenciam à tradição oral e eram basicamente dirigidos a adultos. Uma das razões, apontada como motivo pelo qual sua obra não se popularizou de modo mais amplo posteriormente é a de que escreveu no dialeto napolitano, considerado difícil de traduzir. Mesmo assim, foi por muito tempo a melhor e mais rica coletânea de contos, muitos dos quais foram adaptados por *Perrault* e pelos Irmãos Grimm.



Curiosidade

Giambattista Basile foi posteriormente chamado de “*Boccaccio napolitano*”, e sua obra (*Lo cunto de li cunti overo lo trattenemiento de peccerille*) de *Il Pentamerone* (cinco jornadas/dias), pela semelhança desta com *Il Decamerone* (do grego, 10 dias) de *Giovanni Boccaccio*. Esta última, uma coleção de 100 novelas (hoje seriam consideradas contos) humorísticas escritas por *Giovanni Boccaccio* em dialeto napolitano, entre 1348 e 1353. A obra de *Boccaccio* é considerada um marco literário, representando a ruptura entre a moral medieval e o início do período do humanismo. Seu título significa dez (deca) dias ou jornadas (hemeron), pois as histórias foram contadas por diferentes personagens narradores, ao longo de dez dias. A influência de *Boccaccio* também se fez sentir na obra de *Margarida de Navarra*, o *Heptameron*, publicada postumamente em 1558 e cujo nome também vem do grego, e significa sete dias.

Fonte: BASILE, 1909.



Ainda no século XVII, em pleno reinado de *Luís XIV*, *Jean de La Fontaine* (1621-1695) considerado o pai da fábula moderna, resgatou as fábulas de *Esopo* e de *Fedro*, reescrevendo-as em verso e mantendo a simbologia das características dos animais (a esperteza da raposa, o poder do leão, etc.). A publicação da primeira coletânea de *Fábulas* ocorreu em 1668, sendo que mais onze são lançadas até 1694. Acredita-se que dentre as criadas por ele estão: *A cigarra e a formiga* e *A raposa e as uvas*. No prefácio da primeira coletânea, já revela suas intenções: “Sirvo-me de animais para instruir os homens.” (DUARTE, 2015).

François Fénelon (pseudônimo de *François de Salignac de la Mothe* (1651– 1715) foi um teólogo, preceptor do neto de *Luís XIV* que, preocupado em que a literatura transmitisse os ensinamentos para a formação do caráter de forma indireta, escreve *As aventuras de Telemaco* em 1699. São aventuras semelhantes às da *Odisseia*, pois *Telemaco* sai em busca do pai. É também um dos primeiros a se preocupar com a educação das meninas, naturalmente para serem esposas e mães, assunto que aborda no *Tratado da educação das meninas*, datado de 1687.

Vemos assim que as primeiras histórias de que se tem notícia não tinham por público-alvo as crianças. Eram narrativas que os adultos contavam aos adultos, possivelmente em serões ao redor do fogo, após uma longa jornada de trabalho. Embora se acredite que crianças também participassem desses momentos, a maioria das histórias era até bastante inadequada para o público infantil, devido ao seu humor em geral obscuro (DARNTON, 1986).



Atenção

Você já ouviu falar em *Madame d'Aulnoy*? Não? Então leia o próximo texto para saber de quem se trata.

2.4.3 *Madame d'Aulnoy* e os contos de fadas

Na França, do final do século XVII até o século XVIII, antes da Revolução Francesa, surge uma literatura que exaltava a fantasia, o sonho, o inverossímil, assim se opondo ao racionalismo clássico em voga. Os salões reuniam a elite intelectual da época e lá ocorriam, entre outras, dramatizações de contos de fadas. Sim, e as “preciosas” foram as principais responsáveis pela sua produção e divulgação, pois esses contos foram inicialmente considerados ligados às mulheres. Apesar de terem essa origem nobre dos salões aristocráticos, eram considerados próprios do povo ignorante, pois a presença do maravilhoso era visto como sinônimo de credices e superstições pelos eruditos.



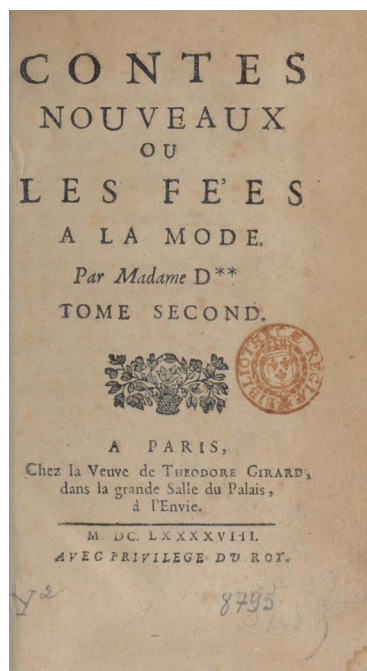
Curiosidade

As preciosas francesas, no século XVII, foram a origem do primeiro questionamento da identidade masculina. Alguns homens, os preciosos, aceitaram esse questionamento e adotaram uma moda feminina e refinada — perucas longas, plumas extravagantes, roupas com abas, pintas no rosto, ruje e perfumes. Recusavam-se a manifestar ciúme e a se comportar como tiranos domésticos. Pouco a pouco, os valores femininos progrediam na sociedade e, no século seguinte, eram dominantes.

Disponível em: <<http://www.twitlonger.com/show/7ecnuj>>. Acesso em: 21 out. 2016.

Uma das “preciosas” mais conhecidas, a jovem baronesa *Madame d'Aulnoy* publica, em 1690, o romance *História de Hipólito*. Num dos episódios dessa obra, a *História de Mira*, a protagonista (Mira) era uma fada. A partir daí, a moda das fadas se estabelece na corte francesa. Entre 1696 e 1698, *Madame d'Aulnoy* publica *Contos de fadas, Novos contos de fadas ou as fadas em moda e Ilustres fadas*. Nessas obras estão incluídas *A gata branca, O pássaro azul, A princesa dos cabelos de ouro, O ramo de ouro*, entre outras. Chamou suas obras de *contes de fée* (contos de fada), consolidando essa denominação genérica. Destinavam-se, no entanto, ainda ao entretenimento de adultos, sendo posteriormente reaproveitados na literatura infantil (LEPRINCE DE BEAUMONT, 2007).

Figura 9 – Frontispício de *Novos contos de fadas ou as fadas em moda*



Fonte: Gallica⁹

Os contos de fadas têm um sucesso extraordinário até o final do séc. XVIII. A partir de então, repartem as atenções com os contos orientais, inspirados ou adaptados principalmente dos contos d'*As mil e uma noites*. Depois da Revolução Francesa, em 1789, as fadas passam a segundo plano, mas continuam presentes nas narrativas orais populares e nos livros infantis.



Atenção

Você ouviu ou leu, quando criança, histórias de *Perrault*, dos *Irmãos Grimm* e de *Andersen*? Talvez tenha lido, mas não soubesse que eram desses autores. Então, nas próximas unidades você terá a oportunidade de rever, confirmar ou descobrir algo mais sobre essas histórias e esses autores.

2.4.4 *Perrault* no século XVII

Formalmente, pode-se afirmar que a tradição da literatura infantil começa com a obra do escritor francês *Charles Perrault* (1628-1703), no século XVII, e tem continuidade com os *Irmãos Grimm*, no século XIX, principalmente, embora separados temporalmente por dois séculos. Es-

⁹ GALLICA. *Livre Contes nouveaux ou Les fées à la...* Aulnoy, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville (1650-1705 ; baronne d'). Disponível em: <<https://bit.ly/2CYkpAy>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ses escritores baseiam suas histórias em narrativas recolhidas da tradição oral, inspirados em autores da passagem da época medieval para a modernidade, como *Gianfrancesco Straparola* e *Giambattista Basile*, já mencionados anteriormente.

As primeiras histórias formalmente direcionadas às crianças e que se popularizaram de imediato foram as que *Perrault*, já com quase 70 anos, imortalizou em *Contos de mamãe gansa* (*Les contes de la mère l'Oye*), em 1697. Sob esse título estão algumas das mais conhecidas histórias infantis: *A bela adormecida*, *Chapeuzinho vermelho*, *Barba azul*, *Gato de botas*, *As fadas*, *Gata borralheira*, *Rique do topete* e *Pequeno polegar*. Em edição posterior, o autor incluiu as três histórias que havia publicado anteriormente: *Grisélidis*, *Pele de asno* e *Os desejos ridículos*.

Figura 10 – O livro *Contos de mamãe gansa* traz na capa a representação de mulheres que contavam histórias e inclui as famosas *Bela adormecida*, *Chapeuzinho vermelho*, *Barba azul*, *Gato de botas*, *As fadas*, *Gata borralheira*, *Rique do topete* e *Pequeno polegar*



Fonte: Wikipédia¹⁰

Minha mamãe gansa (*Ma mère l'Oye*) é uma figura simbólica do folclore francês – como um arquétipo da mulher camponesa que conta histórias às crianças; de certa forma, uma guardiã do tesouro da cultura popular. Os contos faziam parte da tradição oral das *veillés*, momentos em que se contavam ou liam histórias em volta da fogueira e tinham uma função importante para os camponeses. Além de divertir, elas lhes ensinavam como lidar com sua condição miserável e com as situações de injustiça daquela época. (DARNTON, R. 1986, p. 92).

É provável que *Perrault* tenha ouvido esses contos na voz de suas amas de leite e babás, encarregadas da primeira educação dos filhos da classe burguesa, que era a sua classe social. Essas mulheres distraíam as crianças com canções e contos populares, do mesmo modo que as *veillés* perpe-

¹⁰ WIKIPÉDIA. Charles Perrault (1695). *Contes de ma mère l'Oye, illustration à la gouache d'un manuscrit de la fin du XVIIe siècle*. Disponível em: <<https://bit.ly/2P7r5Uz>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

tuavam as tradições populares. Essas multiplicadoras das histórias podem ser consideradas um elo entre a cultura do povo e a da elite do *Grand Siècle* (DARNTON, 1986).

Outros, como *Carvalho* (1987), acreditam que os contos reescritos por *Perrault* seriam, de fato, o resultado de um trabalho mais acadêmico de inspiração nos contos de *Basile*, como mostra a semelhança das histórias de *Cinderela*, *A bela adormecida no bosque* e *O gato de botas* (A PRINCESA... 1996).

Ao longo de sucessivas reedições, a obra de *Perrault* recebeu diferentes títulos. Foi chamada de *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, e também de *Contos da velha* e *Contos da cegonha*. Foi considerado, na sua época, um material moderno e adequado para divertir as crianças e orientar sua formação moral, apontando-lhes padrões morais e sociais. Se ficou curioso, leia no boxe a seguir uma tradução livre de *Os desejos ridículos*:



Curiosidade

Os desejos ridículos, de Charles Perrault

“Era uma vez um pobre lenhador que, cansado de sua vida dura, ansiava por descanso no futuro. Em sua infelicidade, ele declarou que, em todos os seus dias, o céu não havia concedido nem ao menos um de seus desejos.

Um dia, trabalhando na floresta e reclamando de sua sorte infeliz, Júpiter apareceu diante dele com seus raios e trovões em mãos. Seria difícil imaginar o terror do pobre homem.

“Eu não quero nada”, disse ele, jogando-se no chão. “Vou desistir de meus desejos se você, por sua vez, largar o seu trovão. Seria uma troca justa!”

“Não tenha medo”, disse Júpiter. “Eu ouvi as suas queixas e eu vim para mostrar-lhe como me julga injustamente. Escute, eu sou o rei do mundo inteiro e eu prometo conceder-lhe três desejos, não importa o que seja. Como a sua felicidade depende deles, pense com cuidado antes de desejá-los.”

Com estas palavras, Júpiter retornou aos céus e o lenhador, carregando o seu fardo de varetas, correu para casa. A carga do fardo nunca lhe pareceu tão leve.

“Esta é uma questão de grande importância”, disse ele a si mesmo. “Eu, certamente, devo pedir a opinião de minha esposa.”

“Ei, Fanchon”, ele gritou quando entrou na casa de campo. “Faça-nos um bom fogo. Estamos ricos para o resto de nossas vidas. Tudo o que temos a fazer é três desejos!”

Com isso, ele disse à esposa o que havia acontecido, e ela, em sua imaginação, já começou a formar mil planos. Mas, percebendo a importância de agir com prudência, ela disse a seu marido: “Acalme-se, meu querido, não vamos estragar tudo por sermos impacientes. Devemos pensar sobre essas coisas com muito cuidado. Vamos adiar nosso primeiro desejo até amanhã. Vamos dormir e pensar sobre isso.”



“Eu acho que você está certa”, disse ele. “Mas, primeiro, me traga um pouco daquele vinho especial.”

Quando ela retornou, o lenhador bebeu do vinho e recostou-se na cadeira diante do fogo. “Para corresponder a tal esplêndida situação”, ele disse, “gostaria que tivéssemos uma trilha de salsichas. Isso, sim, seria muito bom!”

Mal tinha ele dito estas palavras quando sua esposa, para seu grande espanto, viu uma longa trilha de salsichas passar por eles como uma cobra, desde o canto da chaminé. Ela gritou em alarme, mas percebendo que este foi o resultado do desejo que seu tolo marido tinha feito, começou a repreendê-lo com raiva.

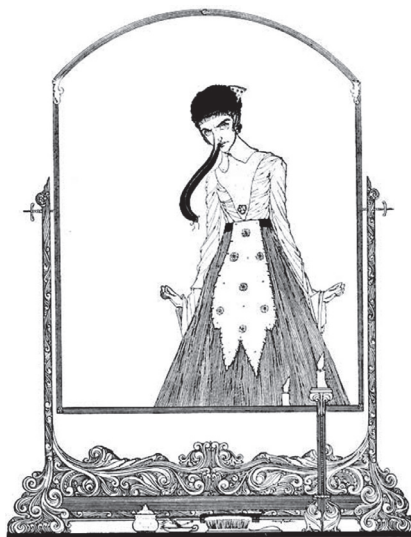
“Quando você pode ter um reino, com ouro, pérolas, rubis, diamantes, roupas finas, tudo o que você deseja são salsichas!”

“Ai de mim”, respondeu o marido. “Eu estava errado, fiz uma escolha muito ruim. Admito meu erro. Da próxima vez vou fazer melhor.”

“Sim!”, disse a mulher. “Eu vou repetir isso até Dia do Julgamento. Para fazer uma escolha dessas, você deve ser muito burro.”

O marido, então ficou muito irritado e quase desejou que sua esposa estivesse morta. “A humanidade”, disse ele, “nasceu para sofrer. Maldição, e a culpa é das salsichas. Gostaria que tivesse uma pendurada no fim do seu nariz!”

O desejo foi ouvido pelos céus no mesmo instante, e uma salsicha pesou no nariz da mulher. Fanchon uma vez havia sido bonita e, para dizer a verdade, este enfeite não teve um efeito muito agradável. Como pendia do rosto dela, interferiu em sua conversa, e isso foi uma vantagem para o marido, que nem pensou no desejo malfeito.



Fonte: *Harry Clarke* (1889-1931)

“Com o meu desejo restante eu poderia muito bem me fazer um rei”, disse ele a si mesmo. “Mas temos de pensar na rainha, também, e sua infelicidade se ela fosse se sentar no trono com seu novo nariz. Ela deve decidir o que ela quer: ser uma rainha com um nariz de salsicha ou uma simples mulher e esposa de um lenhador.”

Diante disso, sua esposa e ele concordaram que não tinham escolha. Ela nunca teria as riquezas, diamantes e roupas finas com as quais tinha sonhado, mas que ela iria ser ela mesma novamente se o último desejo fosse livrá-la da salsicha enorme e assustadora que pendia de seu nariz.

E assim, o lenhador não mudou sua sorte, não se tornou um rei e suas sacolas não estavam cheias de ouro, mas ele estava muito feliz em usar o seu último desejo para restaurar em sua pobre esposa o seu estado anterior.”

Fonte: <<https://fairytalelandstories.wordpress.com/2014/05/15/os-desejos-ridiculos-de-charles-perrault/>>.

2.4.5 A reviravolta

Ao longo de todo o século XVIII, cresce a capacidade econômica da burguesia emergente, o que marca a ascensão da família burguesa na sociedade europeia. O aumento do seu poder político constitui uma nova ordem social e cultural. E essa mudança de postura motiva uma visão nova da criança, que não é mais vista como um adulto em miniatura e sim como um ser que precisa de cuidados específicos para sua formação. Esse novo *status* da infância também motiva uma reorganização da escola (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987). Na área da educação, novos procedimentos trabalham em prol da formação de um cidadão obediente. Logo se descobriu que a literatura poderia ser um veículo eficaz para atingir esse objetivo.

Portanto, consideramos que o que é chamado de literatura infantil começa a existir de fato a partir do momento em que a mentalidade do mundo burguês se consolida no decorrer do século XIX, como nos conta *Nelly Coelho* (2010, p. 148). Seus valores se impõem, imprimindo na literatura infantil emergente características que decorrem dessa nova conjuntura. É aprovada como veículo de divulgação de uma ideologia própria dos novos valores dessa sociedade.

Associadas à pedagogia, as histórias se convertem em instrumentos dela. Buscam formar mentalidades, atitudes e comportamentos e ensinar a criança a desempenhar seu papel na sociedade. Portanto, na sua origem, o livro infantil teve uma natureza pedagógica ao invés de lúdica. Incorporou valores e normas do mundo adulto para repassá-los às crianças. Seu valor literário ficava em segundo plano.

Assim, as primeiras obras direcionadas a esse público-alvo aparecem no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Os editores passam a focar no público infantil e, num primeiro momento, são usadas as mesmas histórias que datam do século XVII. Mais tarde surgem os clássicos romances de aventura em lugares exóticos: em 1719, *Robinson Crusóe*, de *Daniel Defoe*, e em 1726, *As viagens de Gulliver*, de *Jonathan Swift*, posteriormente adaptados e que se destinam mais ao público juvenil. São histórias mais longas, apesar de episódicas, que demandam um domínio maior da capacidade de leitura e por isso são mais apropriadas para os jovens (LAATHS, 1967).



Figura 11 – *Robinson Crusóe* conta a história de um náufrago que vive quase 30 anos em uma ilha habitada por canibais. *As viagens de Gulliver* narram as experiências do personagem título na fictícia ilha de Lilliput, habitada por pessoas minúsculas, de aproximadamente 15 cm de altura



Fonte: Wikipédia¹¹

O século XIX é marcado pelo sucesso de obras como as dos *Irmãos Grimm* e de *Andersen*, que perduram até hoje e sobre as quais falaremos a seguir.

2.4.6 *Grimm e Andersen no século XIX*

Os *Irmãos Grimm*, *Wilhelm* e *Jakob*, folcloristas e filólogos alemães, publicaram em Berlim, entre 1812 (parte 1) e 1815 (parte 2), sua obra intitulada *Histórias para crianças e para o lar* (*Kinder und Hausmärchen*), em que reescrevem antigas narrativas – lendas ou sagas germânicas. Nessas narrativas, recolhidas diretamente da memória popular, buscavam registrar textos do folclore literário germânico. Os contos são em grande número, no total 210, embora nem todos tenham se tornado amplamente conhecidos, sendo que, até 1850, histórias novas foram acrescentadas, a cada edição (ZIPES, 2001).

Apesar de vários desses contos serem quase que paráfrases das histórias de *Perrault*, eles foram adaptados às novas tendências da época, que vivia já as concepções idealizadas pelo Romantismo. Assim, por exemplo, na conhecida história de *Chapeuzinho vermelho*, embora tanto na versão de *Perrault* como na versão dos *Irmãos Grimm*, a menina tenha sido devorada pelo lobo, na versão francesa, ela não sobrevive, mas na alemã, é retirada da barriga do lobo pelo lenhador e tem a oportunidade de se arrepender e decidir “aprender a lição”. As histórias já procuram levar em conta as necessidades da mentalidade infantil e por isso suprimem alguns traços que poderiam chocar as crianças.

¹¹ WIKIPÉDIA. Carl Offterdinger (1829-1889). **Robinson et Vendredi**. Disponível em: <<https://bit.ly/2zquFhG>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

WIKIPÉDIA. Donaldson Brothers. Disponível em: <<https://bit.ly/2D0bKh8>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

E, embora tenham sido (equivocadamente) traduzidas e consideradas como contos de fadas, na verdade, suas histórias não têm a presença das fadas. A maioria dos contos dos *Grimm* se constitui de contos de encantamento, que apresentam transformações por encantamento, ou contos maravilhosos, que apresentam o elemento mágico e sobrenatural como algo natural. Sua coletânea inclui ainda algumas fábulas, lendas e contos jocosos de domínio popular.

Figura 12 – Capa da primeira parte de *Kinder und Hausmärchen* (1812)



Fonte: Wikipédia¹²

Os primeiros contos do dinamarquês *Hans Christian Andersen* (1805-1875) vêm a lume em 1835. O sucesso o leva a publicar um volume por ano, totalizando 156 histórias. Inicialmente também o motiva a exaltação nacionalista, como aos *Grimm* na Alemanha. Por isso ele igualmente se valeu da literatura popular, tanto oral como escrita, mas, além disso, inventou histórias suas, acredita-se que baseadas em fatos da vida real. Nesse sentido, *Andersen* parece ter chegado mais longe, literariamente falando (ASH; HIGHTON, 1995). Entretanto, várias de suas obras têm um final triste, o que muitas vezes não agrada às crianças, acostumadas a finais felizes e por eles ansiosas. *Walt Disney*, responsável por várias adaptações de histórias clássicas para o cinema, deu à *Pequena sereia*, de *Andersen*, um final feliz, diferente do final que lhe deu seu autor.

A primeira obra de *Andersen* foi uma coleção de *Histórias maravilhosas*. Alguns autores, entre eles *Bárbara de Carvalho* (1987), acreditam que suas histórias *O patinho feio*, *Fábula de minha vida* e, em parte, *A rainha da neve*, sejam autobiográficas. Além dessas, entre as mais conhecidas estão: *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia*, *A roupa nova do rei*, *A princesa e a ervilha*, *A pastora* e *O limpador de chaminés*, *A pequena vendedora de fósforos* e *Polegarzinha*. O dia de seu nascimento, 2 de abril, foi consagrado como o **Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil**, o que aponta para a sua importância nessa área.

¹² WIKIPÉDIA. Erster Theil (1812). *Grimm's Kinder und Hausmärchen*. Disponível em: <<https://bit.ly/2P91IXT>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Figura 13 – Retrato de *Hans Christian Andersen*



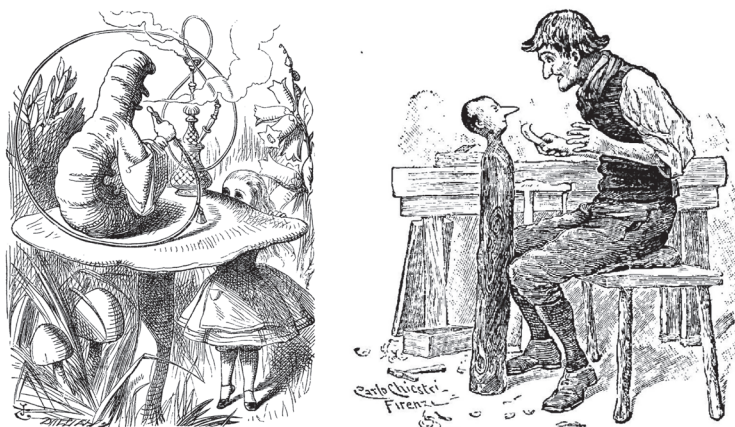
Fonte: Thora Hallager (1821-1884)

Na continuidade, você certamente vai descobrir outras histórias que já conhecia, mas talvez não soubesse que pertencem a esse período. Então leia para descobrir.

2.4.7 E depois de *Andersen*...

A fórmula de histórias fantásticas ou maravilhosas foi ainda utilizada por *Lewis Carroll*, escritor britânico que publica, em 1863, *Alice no País das Maravilhas* (*Alice in Wonderland*). Na Itália, por *Carlo Collodi* que publica *As aventuras de Pinóquio* (*Le avventure di Pinocchio*) em 1883 (COLLODI, 1979). Ainda na Inglaterra, o australiano de nascimento *Joseph Jacobs*, que estudou o folclore inglês e coletou dados que culminaram na publicação de seus *Contos de fadas ingleses* (*English Fairy Tales*, disponíveis em <<http://www.authorama.com/english-fairy-tales-28.html>>.), em 1890. Sua coletânea popularizou contos como *João e o pé de feijão* (*Jack and the Beanstalk*), *Cachinhos de ouro e os três ursos* (*Goldilocks and the three bears*), *Os três porquinhos* (*The Three Little Pigs*), *Jack, o caçador de gigantes* (*Jack the Giant Killer*) e *O pequeno polegar* (*The History of Tom Thumb*). Como editor, também publicou fábulas indianas de *Bidpai*, fábulas de *Esopo*, bem como edições de *As mil e uma noites*. Já no século XX, permanece a presença do fantástico em histórias como *Peter Pan*, de *James Barrie*, publicada em 1911.

Figura 14 – *Pinóquio* conta a história de um boneco de madeira feito por um carpinteiro de nome Gepeto, e que sonhava ser um menino de verdade. Já a história de *Alice no País das Maravilhas* narra as aventuras da menina que cai em uma toca de coelho e é transportada a um mundo utópico cheio de criaturas fantásticas e que pensam a partir da lógica do absurdo



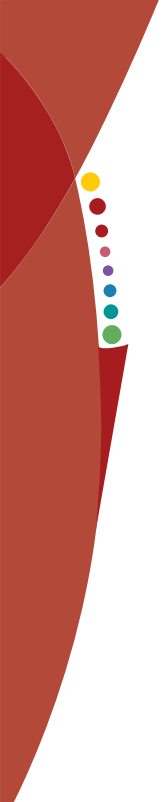
Fonte: Wikipédia¹³

Outra característica que acaba se firmando nas obras infantis é a introdução de temas do cotidiano das crianças, em que está ausente o elemento fantástico. A condessa *Sophie Ségur*, escritora russa que escreve em francês, produziu várias obras (de 1857 a 1872), entre as quais são mais conhecidas: *Os desastres de Sofia* (*Les malheurs de Sophie*) e *As meninas exemplares* (*Les petites filles modèles*). Explorando essa mesma temática, temos ainda *Louisa May Alcott*, escritora norte-americana que escreve *Mulherzinhas* (*Little Women*) em 1868, e na Alemanha, *Johanna Spyri*, que escreve *Heidi*, em 1937. Com todos esses autores, consolida-se a chamada literatura infantil, apesar de que, pelo tamanho das narrativas, poderiam ser consideradas mais adequadas para a faixa etária juvenil.

2.4.8 No Brasil, os primórdios

No Brasil, a tradição da literatura infantil e juvenil se inicia com *Monteiro Lobato* (1882-1948), mas vamos ver o que houve antes dele. Até 1759 (reforma de *Pombal*), houve a ação dos jesuítas, que disseminaram um acervo narrativo compreensivelmente moralista. Nos registros da história desse percurso, entre 1759 e 1808, há segundo vários autores uma lacuna de informações. A partir de 1808, e durante a maior parte do século XIX, começam a circular, ainda que escassamente, os livros da tradição europeia, que já estavam incorporados à portuguesa, mas que ainda traziam predominantemente histórias exemplares. “Até o final do século XIX, no mercado de livros destinados às crianças, para uso escolar ou diversão, predominavam as versões nacionais dos originais franceses e, até portugueses, sob a orientação dos professores brasileiros.” (LEÃO, 2004, p. 4).

¹³ WIKIPÉDIA. Carlo Chiostrri (1863–1939). *Le aventure di Pinocchio*. Disponível em: <<https://bit.ly/2JDCKEv>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
WIKIPÉDIA. Sir John Tenniel. *Alice*. Disponível em: <<https://bit.ly/2BtzKsk>>. Acesso em: 04 nov. 2018.



Foi nas duas últimas décadas do século XIX que se multiplicaram as traduções e adaptações de obras infantis. Antes de 1880, circulavam no Brasil, as histórias de autoria do cônego *Christoph von Schmid*, como *O carneirinho*, *A mosca*, *O canário* (1856), *A cestinha de flores* (1858) e *Os ovos de páscoa* (1860), todas consideradas edificantes e repletas de preceitos cristãos. Tornaram-se conhecidas em função das traduções e adaptações que delas fez *Nuno Álvares Pereira de Souza* “[...] a fim de compor o repertório mais nacionalizado [...] da Biblioteca Infantil do editor francês *Baptiste Louis Garnier*, que para isso o contratou.” (LEÃO, 2004 p. 4).

Carlos Jansen e *Figueiredo Pimentel* são os que se encarregam da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circularam, no nosso país, *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1901), todos traduzidos por *Jansen*. Já as histórias clássicas de *Perrault*, dos *Irmãos Grimm* e de *Andersen* aparecem nos *Contos da carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), adaptadas por *Figueiredo Pimentel*.

O *barão de Paranapiacaba*, segundo *Leão* (2004, p. 5), foi o organizador da primeira biblioteca escolar brasileira, criada pelo Conselho de Instrução do Império. O barão escolhia os livros a serem adotados nas escolas. Além disso, traduziu as *Fábulas de La Fontaine*, que foram publicadas pela *Imprensa Oficial* em 1886.

Buscando compor a trajetória cronológica das publicações infantis no Brasil, embora algumas também já pertencendo à categoria juvenil, temos ainda, de *Júlia Lopes de Almeida* e sua irmã *Adelina Lopes Vieira*, a obra *Contos infantis*, que vem a lume, em 1886, incluindo 27 contos e também 33 poemas. Já no início do século XX, em 1904, *Olavo Bilac* e *Coelho Neto* lançam seus *Contos pátrios* e três anos depois, em 1907, *Júlia Lopes de Almeida* escreve *Histórias da nossa terra*. Em 1910, surge a longa narrativa *Através do Brasil*, de *Olavo Bilac* e *Manuel Bonfim*.

Segundo *Válíio* (1990, p. 17-18), a primeira coleção de livros, publicada especialmente visando ao público infantil, foi organizada por *Arnaldo de Oliveira Barreto* e lançada em 1915. Chamou-se Biblioteca Infantil e representa um marco na história da literatura infantil, principalmente em São Paulo, permanecendo por dez anos sob sua direção. Constituiu-se em uma coletânea de cem livros, incluindo títulos de *Perrault*, *Grimm*, *Andersen*, *Swift* e adaptações das histórias de *As mil e uma noites*, iniciando a série com *O patinho feio*.

E em 1917, *Júlia Lopes de Almeida* lança *Era uma vez*, em que inclui contos maravilhosos, acrescentando-lhes moralidades. Com o romance *Saudade*, de *Tales de Andrade*, publicado em 1919, em que o autor tenta imprimir uma maior naturalidade à nossa forma de falar, praticamente, encerra-se esse primeiro período da literatura infantil e juvenil brasileira.



Multimídia

Você pode ler algumas das obras de autores desse período (1880-1910) em:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/index.htm>.



Atenção

Você certamente leu algum livro de *Monteiro Lobato* na sua infância. Lembra qual foi? Não? Nunca leu *Monteiro Lobato*? Então você não sabe o que está perdendo. Leia o texto a seguir. Talvez você possa se convencer de que vale a pena ler.

2.4.9 Monteiro Lobato: enfim uma literatura infantil brasileira

Como já foi mencionado, o marco considerado fundador da literatura infantil no Brasil é a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, de *José Bento Monteiro Lobato*, em 1920 (COELHO, 2010). Embora os livros de Lobato tenham ficado rotulados como literatura infantil, e por isso são comentados nesta aula, seus livros na verdade se destinam já a leitores mais fluentes e que consigam encarar textos mais longos. A figura de *Lobato* é tão fulcral que *Coelho* (2010) divide nossa literatura infantil da seguinte maneira: fase precursora, que corresponde ao que chama de período pré-lobatiano, que se estende de 1808 a 1919 e antecede *Lobato*; a fase moderna, equivalente ao período lobatiano, correspondente ao período entre os anos 1920, data de sua primeira obra, e 1970, e a fase pós-moderna, ou o período pós-lobatiano, que tem início nos anos 1970 e se estende até os dias de hoje.

Figura 15 – *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato: o marco fundador da literatura infantil no Brasil



Fonte: Conrado Leiloeiro¹⁴

Lobato preocupou-se em escrever em uma linguagem mais atraente para o público infantil e juvenil. Faz questionamentos típicos de seu possível leitor, introduz a oralidade em seu texto e apresenta cenários bem brasileiros em suas histórias. Além de autor, Lobato também traduziu e adaptou várias histórias. Depois de sua obra de estreia, ainda publicou mais de 20 livros, dentre os quais destacamos alguns a seguir.

Viagem ao céu, publicado em 1932, em que *Emília*, a boneca falante, resolve ressuscitar o *Visconde de Sabugosa*, que tinha se afogado. Ele de fato volta à vida, mas com uma dupla personalidade – é o *Visconde*, mas também o *Dr. Livingstone*, um sábio inglês. E foi com ele que *Pedrinho*, *Narizinho* e *Emília* resolveram aventurar-se em uma viagem ao céu, acompanhados de *Tia Nastácia* e do burro falante.

Em *Caçadas de Pedrinho*, de 1933, Lobato conta a história do *Marquês de Rabicó*, que, ouvindo um miado de gato muito mais forte e alto do que poderia emitir um simples gatinho, imaginou que só um gato gigante, ou seja, uma onça, seria capaz de um miado desses. *Pedrinho*, tomando conhecimento do fato, convenceu *Narizinho* a empreender uma aventura, sem conhecimento dos adultos. As duas crianças, acompanhadas de *Emília*, do *Marquês de Rabicó* e do *Visconde de Sabugosa* se põem a caminho, para caçar a onça. Mas os outros animais resolveram ficar do lado da onça e bolaram um plano de guerra contra eles. Se você ficou curioso para saber como acaba essa história, sugerimos que leia o livro.

¹⁴ CONRADO LEILOEIRO. Disponível em: <<http://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=1758877>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

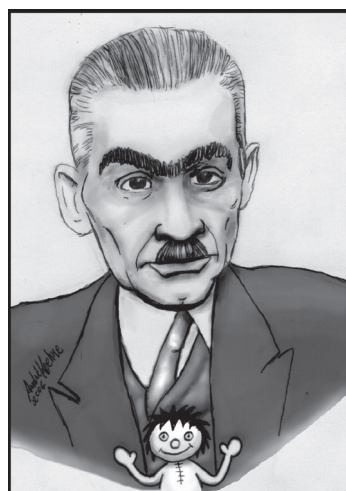
Figura 16 – As caçadas de Pedrinho e Viagem ao céu: obras clássicas da literatura infantil, de Monteiro Lobato



Fonte: Pinimg¹⁵; Traça¹⁶

Uma das personagens mais marcantes na obra de Lobato é a simpática *Emília*, uma boneca de pano feita por *Tia Nastácia* e recheada de macela. Ela se torna uma boneca falante, em função de uma “pílula falante” que lhe receitou o *Dr. Caramujo*. Ela é, na verdade, uma figura central de muitas das obras de Lobato. De algumas faz parte desde o título, como em *Emília no País da Gramática* (1934) e *Memórias da Emília* (1936). É uma boneca birrenta, malcriada, teimosa, egoísta, mas extremamente esperta. É cheia de vontades, diz o que bem entende e, quando leva bronca, finge que nem é com ela. De certa forma, ela representa ludicamente características de crianças e jovens. Assim, com humor, Lobato faz as crianças rirem de seus próprios defeitos.

Figura 17 – Caricatura de Monteiro Lobato

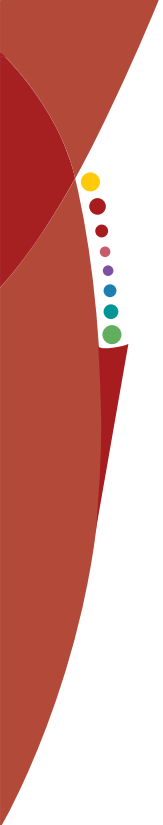


Fonte: Wikipédia¹⁷

¹⁵ PINIMG. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/cd/c7/3d/cdc73d0d9848d042757688be3044d919.jpg>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

¹⁶ TRAÇA. Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/1065067/cacadas-pedrinho/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

¹⁷ WIKIPÉDIA. André Koehne. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato>. Acesso em: 04 nov. 2018.



O período lobatiano se caracteriza pela presença de sua obra e também pela tendência de vários autores do período que usam, a exemplo de *Lobato*, um realismo maravilhoso, em que o maravilhoso é incorporado ao real. Ao lado desses autores, na década de 1930, ainda continuavam sendo publicados contos maravilhosos, histórias sobre a realidade cotidiana ou realidade histórica, com exaltação da terra, de heróis e episódios nacionais e lendas. Entre os autores que começam a escrever obras para o público infantil e também juvenil estão *Graciliano Ramos*, *Malba Tahan*, *Orígenes Lessa* e *Viriato Correa*, que serão comentados na aula sobre literatura juvenil.

Nos anos 1940, no ensino primário, ainda era recomendada uma literatura comprometida com a educação pragmática da criança, que cumprisse a missão de formar o cidadão. Nesse momento, há certa volta ao conservadorismo e as qualidades literárias de várias obras praticamente cedem lugar ao elemento didático (COELHO, 2006).

Também houve no período uma reação negativa aos contos de fadas, acusados de falsificar a realidade e de ter o poder de provocar uma imaginação doentia, e uma consequente evasão do real. Em escolas de orientação religiosa, *Lobato* passa a ser proibido.

Alguns dos autores que começam a escrever literatura infantil nesse período são *Hernâni Donato*, que reescreve narrativas da tradição portuguesa, entre elas sobre o herói sem caráter *Pedro Malasartes*, originário da Península Ibérica; *Lúcia Machado de Almeida*, presença de destaque dessa geração, que acaba escrevendo mais para o público juvenil. *Maria Lúcia Amaral*, *Mario Donato* e *Odetta de Barros Mott*. Esta última com uma vasta produção de obras, constituindo-se sua obra para crianças de mais de 30 títulos, escritos de 1949 até 1990. Seus personagens são crianças, mas também animais, plantas, ou mesmo seres maravilhosos. Suas histórias costumam valorizar a amizade e a generosidade, sempre com muita fantasia.

Alguns dos autores que começam a escrever literatura infantil na década de 1950, redescobrimo e enfatizando a fantasia, são *Maria Heloisa Penteado*, *Maria José Dupré* e *Therezinha Casasanta*.

Maria Heloisa Penteado foi autora e também ilustradora, basicamente de livros juvenis. De seus livros infantis, destaca-se *Lúcia Já-vou-indo*, que foi originalmente escrito em 1949, quando foi publicado na Página Feminina do jornal *O Estado de São Paulo*, tendo sido posteriormente publicado como livro em 1978. Trata das dificuldades de *Lúcia*, uma lesminha, para chegar a uma festa de aniversário.

Apesar desses autores, pode-se dizer que até os anos 1960 um certo retrocesso em termos de criatividade se faz sentir. O modelo de *Lobato* é seguido de modo repetitivo, mas sem a sua preocupação de retratar uma diversidade cultural ou linguística. Com o avanço do processo industrial, a TV emergente acaba sendo consumida em larga escala e muitas obras acabam absorvendo procedimentos da produção cultural de massa para adultos.

Mas há alguns autores que se destacam. *Lucia Pimentel Góes* é uma entre eles. A autora tem uma considerável produção para crianças e pré-adolescentes, que começa a publicar a partir de 1969. Entre os vários títulos que escreveu para crianças pequenas podemos citar *A maior boca do mundo*, *O dedal da vovó*, entre outros. Na primeira, conta a história de Laurita, uma menina curiosa que precisa descobrir qual é a maior boca do mundo para ganhar como prêmio uma caixa de bombons de sua avó. A história se desenrola de maneira acumulativa, a cada página acrescen-

tando um personagem. O segundo livro conta a história de um dedal brincalhão que prega peças à vovó, sua dona.

Durante o período dos governos militares, escritores de livros infantis e juvenis recorreram a uma linguagem figurada e simbólica, para evitar perseguições e, ainda assim, fazer denúncias sociais em suas obras, nem sempre seguindo os princípios da proposta pedagógica. Exemplos disso são duas obras de *Ruth Rocha*, *O reizinho mandão*, de 1978, em que satiriza a prepotência dos que têm autoridade instituída; e *O rei que não sabia de nada* (1980), que conta a história de um rei que, por viver afastado de seu povo, apenas se informa da realidade com seus ministros corruptos, que permanentemente o enganam. Assim, crê que esteja sempre tudo bem. A história muda de rumo por uma situação nova que ao final se resolve com o povo assumindo o comando e mandando o rei para longe, para não atrapalhar.

Nesse período final da década de 1960, o cenário começa a mudar. A ilustração começa a se impor como forma de comunicação e se configura como um desses elementos renovadores que desencadeiam um *boom* da literatura para crianças. A ilustração passa a ter valor igual ou até maior do que o texto, dependendo da faixa etária a que se destina o livro. Alguns nomes que surgem e se tornam importantes como ilustradores e também autores são *Ziraldo*, *Ângela Lago*, *Eva Furnari*, *Eliardo França*, entre outros.

Mais adiante, teremos uma seção sobre a ilustração, mas primeiro, vamos saber um pouco sobre a literatura infantil que veio depois de *Lobato*.

2.4.10 Depois de Lobato

No Brasil dos anos 1970, a criança passa a ser vista como um consumidor em potencial. Acontece a reescritura de vários contos de fadas, buscando “limpar” as histórias dos elementos considerados nocivos ou impróprios para as crianças. Surgem também obras que polemizam a realidade social e, ainda, obras que abordam temas não usuais para crianças. Nesta última categoria, destacou-se a *Coleção do Pinto*, que repercutiu intensamente na época, pois representou uma nova forma de arte e de se posicionar frente ao leitor infantil. Segundo *Zilberman* (1981), propunha-se a manter a criança com os pés na terra, na realidade, posicionando-se contra o que foi considerada uma atitude protecionista em relação à criança. Abordava temas considerados tabus para crianças até então, como morte, início da puberdade, famílias divorciadas, miséria. O livro *O menino e o pinto do menino*, de *Wander Pirolli*, publicado em 1975, deu nome à coleção que foi saudada como vanguardista, mas também sofreu muitas críticas.

Entre os autores que se destacaram a partir da década de 1970 e continuaram escrevendo para o público infantil, alguns até hoje, pode-se mencionar *Ana Maria Machado*, *Fernanda Lopes de Almeida*, *Ruth Rocha*, *Sérgio Capparelli*, entre outros. Sobre alguns comentaremos aqui, enquanto outros serão comentados na unidade sobre literatura juvenil.

Ana Maria Machado tem uma vasta produção, tanto voltada ao público infantil quanto juvenil. Destacamos, entre os destinados às crianças, *Camilão*, *o comilão* e *Menina bonita do laço de fita*. Ambas histórias de acumulação, bastante adequadas para serem lidas ou contadas a crianças bem pequenas. A segunda enfatiza a beleza da cor negra da *menina bonita*, valorizando uma etnia que poucas vezes figura como protagonista.





Explicativo

As **histórias de acumulação** apresentam um evento desencadeador da narrativa, que a partir daí é contada de maneira repetitiva, ou seja, a mesma ação é realizada por diversos personagens e a repetição de um mesmo acontecimento se dá por acumulação: surge um personagem, que não consegue resolver a questão levantada pela história, aparece outro, que também não consegue, e assim sucessivamente. Esse tipo de estrutura facilita a antecipação do que virá por parte das crianças, tornando mais fáceis a leitura e a retenção da história.

Fonte: <<https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/caderno-de-orientacoes-historias-com-acumulacao.pdf>>.

A característica principal de *Fernanda Lopes de Almeida* é sua habilidade de criar incontáveis possibilidades de alterar a visão de mundo tradicional. Em *O gato que pulava em sapato* (1978), conta-nos uma história de um gato que, mesmo caindo do telhado ao fazer suas explorações de mundo e assim se expondo a perigos que sua dona queria evitar, aprende que o excesso de proteção pode não ser tão bom. Além deste, outros títulos extremamente interessantes para esta faixa etária são: *A curiosidade premiada*, de 1977; *Pinote, o fracote e Janjão, o fortão*; *A margarida friorenta*, estes últimos – ambos de 1980 – obras que podemos destacar por suas temáticas que incentivam reflexões e questionamentos em nível adequado a essa faixa etária.

Ruth Rocha é, na verdade, uma presença magna na literatura infantil brasileira, autora de uma grande quantidade de obras infantis, principalmente para crianças já totalmente alfabetizadas. Também publicou, entre 1976 e 1977, quatro títulos na *Coleção Beija-flor*: *Palavras muitas palavras*; *A primavera da lagarta*; *Bom dia, todas as cores* e *Nicolau tinha uma ideia*. Este último foi selecionado, em 1980, pela FNLIJ, como “altamente recomendável para crianças”. Em suas páginas, há espaços para as crianças também desenharem e assim integrarem as suas ideias às de todo o mundo.

Na década de 1980, com a abertura política em andamento e a escolarização em expansão, há uma verdadeira explosão de publicações de obras destinadas ao público infantil. O livro torna-se produto de consumo como qualquer outro, o que favorece a proliferação de livros, alguns sem nenhum valor literário. A demanda por constantes novidades, por vezes enfraqueceu a qualidade das obras, situação que não deixou de existir completamente. Ora gerando edições de alta qualidade gráfica e estética; ora revelando escritores meramente preocupados em comercializar, produzindo obras que pecam pelo pedagogismo e não contribuem para o desenvolvimento da criatividade e fantasia da criança (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985).

Eva Furnari começa na década de 1980 sua carreira como ilustradora, voltando-se posteriormente também à escrita própria. Produz uma grande quantidade de obras infantis excelentes, inclusive para pré-leitores, com livros apenas de imagens, mas também escrevendo para o público jovem.

Sylvia Orthoff começou escrevendo para a revista *Recreio*, em 1979, a convite de *Ruth Rocha*, e inicia dando início a uma vasta produção literária, de mais de cem títulos, tanto para o público infantil como para o juvenil. Entre eles, destacamos *Maria vai com as outras* (1982), que conta a história de uma ovelha que sempre fazia o que as outras faziam, até que um dia se questionou porque deveria saltar do alto do Corcovado, só porque as outras estavam saltando. A partir daí, começa a tomar suas próprias decisões. Suas histórias são recheadas de humor inteligente que instiga a imaginação, mas também a reflexão das crianças.

Tatiana Belinky também é autora de obras destinadas tanto às crianças como aos jovens, predominantemente às primeiras. Seus livros incluem histórias do cotidiano, como também rescrições de contos populares, como em *O caso do bolinho* e *O grande rabanete*.

No último quartel do século XX e nessas primeiras décadas do século XXI, observam-se ainda em nosso país dois polos no que é publicado para o público infantil: de um lado, a presença do pedagogismo e a massificação e, de outro, propostas emancipatórias e uma maior liberdade expressiva (COELHO, 2006). Obviamente, o mercado editorial tem sua parcela de responsabilidade no que tange à qualidade literária questionável de algumas obras disponíveis. Mas, felizmente, também, um grande número de autores que escrevem para o público infantil, hoje, cria textos que têm qualidade literária (em conjunto com ilustradores que criam imagens instigantes), muitas vezes permeados de humor. Geram assim um conjunto que propicia reflexão e questionamentos, sem esquecer o elemento lúdico, tudo temperado com certa dose de maravilhoso ou de fantástico. Deste período, podemos mencionar alguns dos principais autores que se dedicam ao público dessa faixa etária: *Flavia Muniz*, *Leo Cunha*, *Liliana Iacocca*, *Luiz Galvão*, *Mirna Pinsky*, *Sonia Junqueira*, o poeta *José Paulo Paes* e os autores ilustradores *Luis Camargo*, *Marina Colasanti* e *Ricardo Azevedo*.

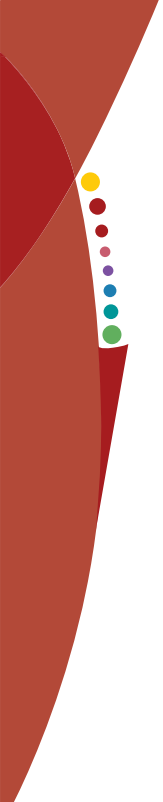
Observa-se que a literatura infantil se configura como um campo cultural em expansão que está em permanente mudança. Entretanto, lamentavelmente, ainda hoje, o mercado editorial muitas vezes lança textos que consideram a criança como um ser demasiado ingênuo, incapaz de entender textos mais complexos.

2.5 A ILUSTRAÇÃO

“Para a criança, toda figura conta uma história.” (Laura Sandroni).

“And what is the use of a book,” thought Alice, “without pictures or conversation?” (Lewis Carroll, Alice’s Adventures in Wonderland).

Vivemos em um mundo hoje no qual a onipresença da imagem já não é mais contestada. E sua importância decorre exatamente daí. *Hernández* (2007, p. 28), reconhecendo essa realidade, afirma: “É-nos dito que vivemos em um mundo em que tanto o conhecimento quanto muitas formas



de entretenimento são visualmente construídos.”. A forma como lemos essas imagens está diretamente condicionada à nossa experiência – ao que conhecemos, ao que gostamos, ao que sentimos. Crianças leem informação visual antes de aprender a língua, ou o código escrito.

A ilustração (ou código pictórico) se constitui numa comunicação mais direta do que o código verbal escrito, que é representado de forma abstrata. A imagem é mais fácil de ser entendida, seu sentido mais rapidamente identificado. Por isso é um elemento importante, especialmente para crianças em fase de pré-alfabetização ou alfabetizatória propriamente dita. A imagem de uma casa é prontamente identificada; já o entendimento de sua representação gráfica escrita demanda e supõe o domínio de uma habilidade mais específica. Uma ilustração de qualidade no livro infantil colabora com a educação estética da criança e a fundamenta. Quando essa percepção se desenvolve na criança, ela percebe que a figura de um menino não precisa ser necessariamente igual a um menino de verdade, com a mesma cor da pele, o mesmo formato, etc.

Obviamente não podemos supor ingenuamente que toda ilustração tem um nível estético artístico. Ou que o livro infantil tem qualidade apenas porque contém muitas ilustrações. Apesar do investimento feito por muitas editoras, ainda é significativo o número de obras em que se pode identificar certa pobreza da imagem, quando se limita a meramente “repetir” o texto, deixando de estimular o pequeno leitor a descobrir novos caminhos, e ampliar a perspectiva da narração textual.

Poon (2016) enfatiza que as ilustrações auxiliam crianças em estágios de desenvolvimento iniciais, entre 2 e 6 anos, a aprender a observar movimentos, gestos, emoções, posições e estados de espírito. Além disso, sugere que as conexões que se formam entre a imagem do livro, as imagens mentais e as palavras ajudam as crianças a entender melhor, tornando-as capazes de filtrar significado, apesar de não terem ainda vocabulário suficiente para expressar exatamente como se sentem. Ainda, segundo *Poon* (2016), para crianças com dificuldades de aprendizado, o componente pictórico promove uma estimulação sensorial ativa e facilita a consolidação do processo de alfabetização.

As cores, formas, palavras e os temas nos livros infantis são contextos fundamentais que ajudam as crianças a ampliar e desenvolver o pensamento baseado na imagem, o pensamento visual.

Luis Camargo, em entrevista concedida a *Frieda Barco*, diz que a imagem pode desempenhar funções semelhantes às da palavra. E enumera as funções da ilustração: a função descritiva, a função narrativa, a função simbólica, a função expressiva, a função ética, a função estética e a função lúdica (CAMARGO, 1995 e 2006).

A ilustração tem uma função descritiva porque pode descrever de objetos a personagens; é a função que predomina nos livros didáticos e informativos. Sua função também é narrativa porque conta uma história. Além disso, tem uma função expressiva, pois expressa emoções através da postura, de gestos e expressões faciais dos personagens, bem como dos próprios elementos plásticos, como cor, espaço, luz, linha, etc. Nas áreas menos concretas, pode ter uma função simbólica, pois pode representar uma ideia. Sua função ética se mostra pela presença de questões éticas no texto. Sua função estética se evidencia na maneira como foi realizada, nos elementos visuais artísticos que estão presentes. Por fim, a função lúdica da ilustração, que consiste na própria maneira de representar, pela ilustração, um jogo a ser explorado pela criança. Quando a ilustração se

transforma em jogo ao longo de todo o livro, temos o livro-brinquedo, que se caracteriza como um “gênero” híbrido.

A ilustração de qualidade só tem a contribuir para o desenvolvimento da criança, pois aguça a percepção, desenvolve a observação, protege contra o bombardeamento de materiais estereotipados; e estimula o raciocínio e a criatividade da criança.

Já a ilustração de má qualidade pode reforçar estereótipos e preconceitos, ou simplesmente empobrecer a narrativa. Maus ilustradores reduzem as possibilidades do texto escrito por meio de uma interpretação rasa, apontando em uma única direção. No que tange a ideologias e preconceitos, *Vergueiro* (2010) alerta sobre a necessidade de verificar se as obras incluem as minorias e de que forma estas são apresentadas. Em que posição elas figuram na história. E é preciso se perguntar: Seu papel na narrativa reforça preconceitos já consolidados? As minorias são sempre retratadas de forma negativa ou depreciativa?

Então, é desejável que os materiais oferecidos à criança sejam atraentes, estimulem seu pensamento crítico e auxiliem a construir interações sociais, pois esta deveria ser a base para a criação de livros infantis hoje.

Figura 18 – Em 1947, Bryna e Louis Untermeyer, um casal de editores americanos, compilaram uma coleção de 71 histórias que acreditavam representar as melhores e mais duradouras obras da literatura infantil existentes. Diversos artistas ilustraram contos de Andersen, dos Irmãos Grimm, e de Perrault, dentre outros. *Poo-Poo e os dragões*, do romancista inglês Cecil Scott Forester – originalmente publicado em 1942 – faz parte da coletânea lindamente ilustrada



Fonte: Flickr¹⁸

2.5.1 O livro infantil ilustrado

Em 1456, a partir da contribuição de *Gutenberg*, surge o livro impresso em tipos móveis, barateando-o assim consideravelmente. Entretanto, durante todo o século XVI, a literatura produzida na Idade Média ainda continua a circular, oralmente, em manuscritos ou em livros xilografados ou xilográficos.

Na tradição ocidental, podemos rastrear os primeiros livros infantis ilustrados até o século XVII. Mais precisamente em 1653, na Alemanha, surge o primeiro livro com texto e imagem para crianças – o *Orbis sen-*

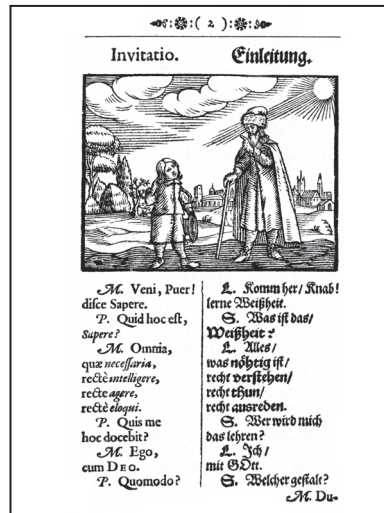
Você sabe o que é um livro xilografado ou xilográfico?

Os chamados livros xilográficos são livros produzidos na segunda metade do século XV, cujas páginas eram estampadas a partir de blocos de madeira em que eram entalhados tanto o texto quanto as ilustrações. Esses livros consistiam de aproximadamente 50 folhas que divulgavam quase que exclusivamente o pensamento religioso cristão predominante no período medieval. Como, na época, a maior parte da população não era alfabetizada, ou era apenas semialfabetizada, as ilustrações eram bastante importantes e visavam elucidar o que talvez ficasse obscuro nas palavras. Uma das obras impressa xilograficamente foi a *Biblia pauperum* (*Bíblia dos pobres*), cuja primeira edição data de 1420. Era chamada assim porque era mais barata do que uma edição completa da Bíblia.

¹⁸ FLICKR. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/dogwelder/47906451>>. Acesso em 04 nov. 2018.

sualium pictus (*O mundo visível em imagens*), semelhante a uma enciclopédia ilustrada. Obra do pedagogo e filósofo *Comenius*, que foi inicialmente publicado apenas em latim e posteriormente, em 1658, em edição bilingue (CARVALHO, 1987).

Figura 19 – Introdução do *Orbis sensualium pictus*, edição bilingue de 1658



Fonte: Wikimedia¹⁹

Entendemos aqui ilustração como *Luís Camargo* (1995, p. 16) “[...] toda imagem que acompanha um texto. Pode ser um desenho, uma pintura, uma fotografia, um gráfico, etc.”.

A ilustração de livros infantis começou a ganhar impulso depois da edição de 1862 da obra de *Perrault*, ilustrada por *Gustave Doré*. A concepção do livro fazia parte de um projeto editorial de livros de luxo, concebendo o livro como um objeto de arte, em que o texto e a ilustração tinham igual valor. Coincidentemente, o novo conceito de infância também nasce nesse período, assim poder-se-ia dizer que o próprio conceito de literatura infantil carrega desde o princípio uma relação estreita entre a palavra escrita e a ilustração (ABREU, 2010).

Figura 20 – Chapeuzinho e o lobo



Fonte: Gustave Doré²⁰

¹⁹ WIKIMEDIA. **Comenius**. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=16076229>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²⁰ WIKIPÉDIA. **Little Red Riding Hood**. Disponível em: <<https://bit.ly/2PM9p0h>>. Acesso em: 04 nov. 2018.



Multimídia

Você pode se deliciar com as outras ilustrações originais da obra de *Perrault*, feitas por *Gustave Doré* no site da Biblioteca Nacional Francesa em: <<http://expositions.bnf.fr/orsay-gustavedore/albums/contes/>>.

A ilustração no livro infantil passou de simples ornamento ao status de linguagem. Hoje, não se entende mais a ilustração como um simples enfeite do texto. Ela representa diferentes possibilidades de leitura de um mesmo texto, porque é uma linguagem, que anda junto com o texto e dialoga com ele. Para ser de fato enriquecedora, a ilustração não deveria simplesmente repetir o que o texto diz, pois neste caso, seria desnecessária (CAMARGO, 1995). Uma boa ilustração sugere além do que está expresso no texto, embora tenha tido o texto como referência, pois se constrói na própria imaginação do ilustrador. Mesmo quando trabalha junto com o escritor, o ilustrador é também um autor. Como a literatura é um texto plurissignificativo, é desejável que o ilustrador tenha experiência como leitor de literatura. Ele também narra através de suas ilustrações e torna possível um novo tipo de leitura. Os detalhes na ilustração enriquecem a imaginação infantil e contribuem positivamente para o desenvolvimento do leitor.

Nos primeiros livros infantis o papel da ilustração era muito secundário. Embora os primeiros ilustradores tenham sido artistas como *Gustave Doré*, primeiro ilustrador dos livros de *Perrault* e *La Fontaine*, no século XIX ainda eram escassas as páginas que continham esses acréscimos, em geral para marcar que se tratava de literatura infantil. Mas já tendo o objetivo de facilitar o entendimento do texto, ou ainda de torná-lo mais atraente. *Van der Linden* (2011, p. 9) relata que:

Entre meados do século XVIII e a Primeira Guerra Mundial, houve uma enorme diversificação nos tratamentos dados ao projeto gráfico de livros para crianças, com uma inventividade que demorou a ser superada. Os livros variavam em tamanho e preço, do humilde ao sofisticado, faziam uso das mais avançadas tecnologias de impressão e de manufatura de encadernação, que tornavam possíveis novos gostos e modas.

Acrescenta ainda que “[...] as pessoas criativas produziam muitos objetos genuinamente prazerosos, mas permaneciam anônimas.” Entretanto, já no final do século XX e nessas primeiras décadas do século XXI, não se consegue mais pensar em livro infantil dissociado de ilustrações. E de tal forma cresceu sua importância, que as editoras hoje investem pesado em ilustradores de renome para criar seus textos imagéticos. Estes, não apenas acompanham o texto escrito dos autores, mas com eles estabelecem, pelo menos idealmente, uma autêntica interação. Muitas vezes ocorre que a criança esteja mais interessada no texto imagético do que no texto verbal, mesmo já estando alfabetizada.





Atenção

Você já reparou no papel que a ilustração pode desempenhar no reforço de preconceitos já consolidados?

Na tradição do livro infantil, vários são os nomes e estilos de ilustradores que contribuíram para o seu enriquecimento. Entre os nomes que se destacaram, estão o pioneiro ilustrador francês *Gustave Doré*, os alemães *Willy Planck*, *Hanns Acker*, os ingleses *George Cruikshank*, *Michael Hague*, *Edmund Dulac* e *Walter Crane*, os norte-americanos *Elenore Abbott*, a escocesa *Anne Anderson*, de estilo *Art Nouveau*.

Figura 21 – *O flautista de Hamelin, A bela e a fera, Chapeuzinho vermelho, Cinderela*



Fonte: *Wikimedia*²¹; *Wikipédia*²²; *SurLaLune Fairy Tales*²³

²¹ WIKIMEDIA. Gustave Doré. **Cinderella**. Disponível em: <<https://bit.ly/2zvKgNc>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

WIKIMEDIA. Walter Crane. **Little Red riding hood meets The Wolf in the woods**. Disponível em: <<https://bit.ly/2DolO3e>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²² WIKIPÉDIA. Anne Anderson. **Beauty and the Beast**. Disponível em: <<https://bit.ly/2qslI3v>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²³ SURLALUNE FAIRY TALES. **The stone in the cock's head**. Disponível em: <<https://bit.ly/2CZqnkQ>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Figura 22 – A princesa e o grão de ervilha, João e Maria

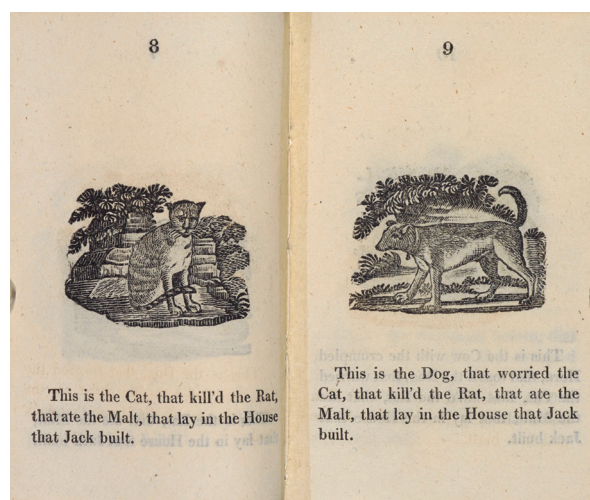


Fonte: Wikipédia²⁴

Como se pode observar nos diferentes exemplos de ilustradores através dos tempos, estilos variam. É importante oferecer uma diversidade às crianças, sempre que possível. Além de vários estilos de escrita, também uma diversidade de ilustradores. Isso propicia que se familiarizarem com esses diferentes modos de representação pictórica e apurem seu senso estético, capacitando-as a perceber o que mais lhes agrada, suas preferências.

Durante o século XIX, a Inglaterra se destaca na publicação de livros para crianças, principalmente os chamados **chapbooks**. Abaixo você pode ver duas páginas de um *chapbook*, ilustrando a história da casa que Jack (*Joãozinho*) construiu, uma história rimada e de acumulação, publicada por volta de 1820.

Figura 23 – *The House That Jack Built* (1820)



Fonte: Autor desconhecido²⁵

²⁴ WIKIPÉDIA. Edmund Dulac. **A princesa e o grão de ervilha**. Disponível em: <<https://bit.ly/2D2Qg3m>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

WIKIPÉDIA. Carl Offterdinger. **João e Maria**. Disponível em: <<https://bit.ly/2PzVHxl>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²⁵ Disponível em: <<https://www.bl.uk/collection-items/the-house-that-jack-built>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Entre 1900 e a Segunda Guerra Mundial, os livros infantis passam a ser um negócio lucrativo. As novas produções deslocaram-se para os Estados Unidos, que passam a ter o controle do mercado. Observa-se que, desde a década de 1980, a oferta se ampliou enormemente, assim como a variedade e a qualidade do livro infantil, que via de regra é ilustrado e categorizado para as diferentes faixas etárias. Mas essa explosão bibliográfica também trouxe consigo o aparecimento de obras de pouca ou nenhuma qualidade, acrescentando à tarefa de seleção a necessidade de um maior cuidado e a aplicação de critérios.



Curiosidade

Chapbooks (*cheap books* = livros baratos) – eram livros impressos rusticamente e por isso muito baratos para os padrões da época; eram vendidos pelos *chapmen*, espécie de vendedores ambulantes, que circularam do século XVI até o XIX. Apresentavam geralmente versões resumidas de romances, como *Robinson Crusóé*, *Dom Quixote*, fábulas, baladas e contos populares, ilustrados com xilografuras.

Fonte: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/chapbooks>>.

Para Góes (1984), é desejável que o livro infantil atinja seu leitor mirim em três níveis: o racional, que privilegia o pensamento lógico, e no qual é possível à criança distinguir o real do imaginário; o nível da linguagem, em que a criança tem a possibilidade de ampliar seu vocabulário, melhorar sua escrita e aperfeiçoar a clareza, e, por fim, oportunizando o conhecimento da realidade social, do mundo e de seus problemas, o livro leva a criança a atingir o nível cultural.

No que tange ao livro ilustrado, é preciso dar atenção também às relações que se estabelecem entre texto e imagem, verificando se estas propiciam o exercício da imaginação. *Van der Linden* (2011) em sua obra *Para ler o livro ilustrado*, afirma que “[...] o livro ilustrado evoca duas linguagens: o texto e a imagem. Quando as imagens propõem uma significação articulada com a do texto, ou seja, não são redundantes à narrativa, a leitura do livro ilustrado solicita apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que está mostrado.” (p. 8). A mesma autora analisa que existem três tipos de relação que se podem identificar entre o texto e a imagem no texto infantil. Refere-se à **redundância**, relação que constitui “[...] uma espécie de grau zero [...]” porque “[...] não produz nenhum sentido suplementar.” (p. 120). Ou seja, a ilustração poderia até nem estar ali. À **colaboração**, em que o sentido é produzido pela relação necessária entre ambas as linguagens, sendo que se enriquecem mutuamente. E à **disjunção**, em que texto e imagem não se encontram, ou seja, contam histórias paralelas, não exatamente convergentes, parecendo até que se ignoram por completo.

Assim, o desejável em relação ao livro infantil ilustrado é que as linguagens textual e imagética sejam apresentadas preferencialmente de forma colaborativa, uma vez que parece ser aquela que tem maior potencial para enriquecer a experiência da criança e também será a maneira mais eficaz de atingir os níveis que Góes (1984) sugere.

2.5.2 O livro ilustrado no Brasil

No final do século XIX e início do século XX, quando começa a existir no nosso país uma literatura infantil mais brasileira, por assim dizer, os livros começam a ser ilustrados por artistas como *Calixto Cordeiro*, *Henrique Cavalleiro* e *Julião Machado*. Este último, o mais presente nos livros de *Figueiredo Pimentel*, um dos primeiros autores.

Nos primeiros anos do século XX, em 1905, é lançada uma revista para crianças, chamada *O Tico-tico*. Sua inspiração foi o similar francês *La Semaine de Suzette* (de 1905-1960), destinado a meninas (de 8 a 14 anos). Publicava contos, poemas e principalmente histórias em quadrinhos que apresentavam histórias de aventuras com personagens inspirados em figuras bem brasileiras. Os 10 mil exemplares iniciais esgotaram-se rapidamente. Os grandes ilustradores desta publicação, que já reproduzia suas ilustrações em cores, foram *Angelo Agostini*, *Luiz Sá*, *Alfredo Storni*, *Monteiro Filho* e *Max Yantok*, entre outros, que participaram até o fim da revista, em 1958.

Figura 24 – Primórdios da ilustração no Brasil: Revista *O Tico-tico* (1905) inspirada na publicação francesa *La Semaine de Suzette* (1905-1960)



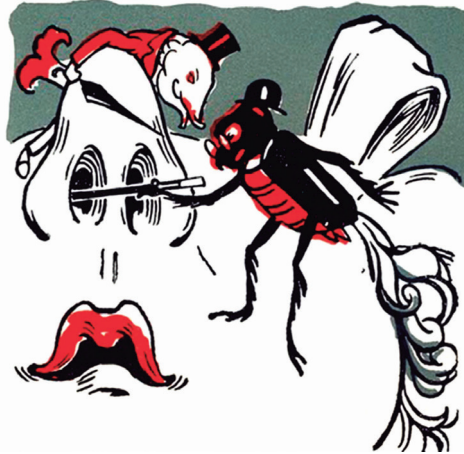
Fonte: Clique e poesia²⁶; Pinterest²⁷

Como considera *Sandroni* (1998, p.13), a publicação d'*A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, de autoria de *Monteiro Lobato*, marca o início do que se costuma chamar de fase literária da produção editorial brasileira para crianças e jovens. Na obra de *Lobato*, a ilustração teve papel importante, já que ele reconhecia na imagem também um modo de influenciar não só as crianças, mas todos aqueles que não sabem ler. *Voltolino* (*João Paulo Lemmo Lemmi*), *André Le Blanc*, *Belmonte*, *J. U. Campos* e *Manuel Victor Filho*, entre outros, são nomes que criaram, com seu talento, as figuras marcantes do *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

²⁶ CLIQUE E POESIA. Disponível em: <<https://bit.ly/2PCuN7Y>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²⁷ PINTEREST. *La Semaine de Suzette*. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/VerityHope/la-semaine-de-suzette/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Figura 25 – A menina do narizinho arrebitado (1920)



Fonte: VOLTOLINO (1920)²⁸.

Ainda segundo informa *Sandroni* (1998), em 1936, o Ministério da Educação, por iniciativa do ministro *Gustavo Capanema*, lança um concurso para livros de literatura infantil, incluindo até o que se chamava de álbum de estampas para as crianças menores. Receberam o prêmio dois grandes ilustradores: *Santa Rosa*, pela obra *O circo*, impresso na Bélgica, e *Paulo Werneck*, com a *Lenda da carnaubeira*.

Já nos anos 1960 e 1970, a editora *Globo*, do Rio Grande do Sul, pioneira na tradução de grandes obras de autores famosos, lançou os *Contos de Andersen* e mais tarde os *Contos de Grimm*, ambos com suas obras completas ilustradas por *Roswita Bitterlich Winger*, austríaca de nascimento. Outro grande ilustrador dividiu com ela os volumes dessas obras, além de ter trabalhado em outros títulos: *Nelson Boeira Faedrich*.

Há também disponíveis no mercado hoje os livros constituídos apenas de imagem – são os livros sem texto, onde exclusivamente as imagens contam a história. São também chamados livro-imagem, álbum de figuras, álbum ilustrado, história muda, história sem palavras, livro de estampas, livro de figuras, livro sem texto, texto visual. O primeiro livro brasileiro constituído exclusivamente de imagens foi *Ida e volta*, desenhado por *Juarez Machado* em 1969, mas só publicado em 1975.

Os anos 1980 nos trouxeram novos ilustradores, como *Gê Orthof*, filho da grande autora *Sylvia Orthof*, que ilustrou todos os seus primeiros livros e o marido de *Sylvia*, *Tato*, que ilustrou o restante da obra dela até sua morte.

Resta-nos mencionar aqueles autores que também desenharam suas obras, como *Marina Colasanti* e *Rubens Matuck*. *Fernando Vilela*, em comentário sobre a exposição *Linhas da história – Um panorama do livro ilustrado no Brasil*, que aconteceu em São Paulo (2007), publicado na *Revista Emília*, especializada em leitura e livros para crianças e jovens (disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=28>>), destacou, entre obras importantes da história do livro ilustrado no Brasil: *Flicts*, de *Ziraldo*, *Ida e volta*, de *Juarez Machado*, *O rei de quase tudo*, de *Eliardo França*, *A bruxinha atrapalhada*, de *Eva Furnari* e *O cântico dos cânticos*, de *Ângela Lago*. Nessas obras, observa-se, segundo ele, que a narrativa se estende para além das palavras, mesclando experiências e criando novas possibilidades de expressão, novas possibilidades de linguagem.

²⁸ FUNDACIÓN Cuatro Gatos. Disponível em: <<https://www.cuatrogatos.org/ilustradores.php?letra=L#>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

Entre os autores de livros de imagem mais relevantes, estão *Ângela Lago*, *Ciça Fittipaldi*, *Eva Furnari*, *Paula Mastroberti*, *Rogério Borges*, *Zivaldo*.



Multimídia

Você pode curtir belas obras dos nossos ilustradores que também são autores em seus próprios sites:

Ângela Lago em: <<http://www.angela-lago.net.br/>>

Ciça Fittipaldi em: <<https://cicafittipaldi.com/>>

Eva Furnari em: <<http://www.evafurnari.com.br/pt/a-escritora/>>

Paula Mastroberti em: <<http://www.mastroberti.art.br/>>

Zivaldo em: <<http://www.zivaldo.com/>>

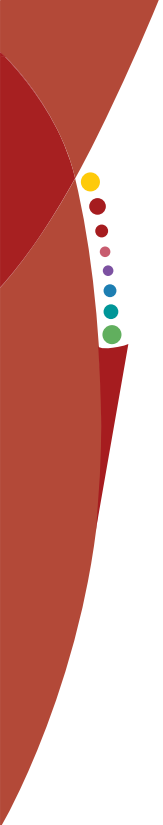
Atualmente os ilustradores, muitos deles verdadeiros artistas, aplicam técnicas tradicionais de desenho ou pintura em novas mídias, abrangendo técnicas modernas de produção, como multimídia, animação e aplicações, levando ao desenvolvimento de novas competências para além de sua formação em arte gráfica básica e conhecimento em design. Muitos deles literalmente “sacodem” nossos conceitos já consolidados e desafiam o pensamento, tanto nosso como da criança.

RESUMO

A literatura como arte da palavra tem várias funções na vida do ser humano: a estética, porque dá à palavra uma dimensão mais rica do que seu sentido cotidiano; a catártica, porque desencadeia um processo de libertação e de liberação de emoções; a cognitiva, porque pode ensinar de maneira mais prazerosa os fatos da História ou outros da realidade humana, e a político-social, porque cria no leitor compromissos éticos e políticos. Coloca-o diante das ambiguidades da vida através das ambiguidades da linguagem. Acredita-se que seja fonte de prazer e que tenha um impacto psicológico e social sobre a criança; justifica assim sua necessidade e seu direito a ela, desde tenra idade, como veículo para a construção de sua identidade e de sua cidadania.

Quando a literatura em questão é a infantil, é preciso dizer que literatura infantil não é sinônimo de livro infantil. O livro infantil é todo livro publicado para a criança. Já a literatura infantil é todo texto adequado à criança que tem literariedade e cuja ilustração também é de qualidade. A literatura infantil deve ter, em primeiro lugar, um propósito estético e de entretenimento, não exatamente de ensinamento moral. Desse modo, as crianças devem ter à sua disposição obras de literatura infantil, obras com





um nível de qualidade estética, tanto no texto verbal quanto no texto imagético. Devem corresponder aos anseios por emoção do leitor infantil e é salutar que seus temas motivem sua curiosidade e seu interesse. É importante que o enredo e a ação dos personagens motivem a identificação com os leitores e que sejam capazes de surpreender e movimentar sua fantasia.

Entre os autores que fazem parte da história da literatura infantil e juvenil estão, no século XVII, *Giambattista Basile*, *Madame d'Aulnoy*, que lança a moda das fadas, e *Charles Perrault*, com quem se inicia a tradição da literatura infantil. Durante o século XVIII, ocorrem mudanças sociais e culturais, que vão causar uma nova visão da criança e da escola. Nesse contexto, a literatura infantil surge com uma natureza pedagógica. No século XIX, fazem sucesso os *Irmãos Grimm*, que recolhem histórias da tradição oral, e de *Andersen*, conhecidas até hoje.

No Brasil, na fase precursora ou período pré-lobatiano, de 1808 a 1919, circulam traduções e adaptações da literatura infantil europeia. A tradição da literatura infantil e juvenil se inicia com *Monteiro Lobato*, sendo chamado período lobatiano ou fase moderna, de 1920 a 1970. A fase pós-moderna, ou o período pós-lobatiano, tem início nos anos 1970 e se estende até os dias de hoje. A partir dos anos 1970, acontece a reescritura dos contos de fadas e também obras tratando temas não usuais para crianças, destacando-se a *Coleção do Pinto*. Nesse período, há momentos em que predomina o pedagogismo moralista sobre as qualidades literárias, e outros de propostas emancipatórias. Há também uma absorção de procedimentos da produção cultural de massa.

O *boom* dessa literatura acontece principalmente a partir da década de 1970, quando a ilustração começa a ser valorizada tanto quanto ou até mais do que o texto escrito. Ela representa diferentes possibilidades de leitura e deve sugerir além do texto, pois os detalhes na ilustração enriquecem a imaginação infantil e contribuem positivamente para o desenvolvimento do pensamento visual, estabelecendo uma forma de comunicação mais direta do que o código verbal escrito. Assim facilitando a consolidação do processo de alfabetização. A ilustração de má qualidade pode reforçar estereótipos e preconceitos e reduzir as possibilidades do texto escrito. A partir do final do século XX, já não é mais possível pensar em livro infantil dissociado de ilustrações.

As editoras hoje investem bastante em bons ilustradores. Para *Camarogo* (1995), a ilustração tem sete funções: a função descritiva, a função narrativa, a função simbólica, a função expressiva, a função ética, a função estética e a função lúdica. Nos livros infantis, a ilustração começou a ganhar impulso depois da edição de 1862 da obra de *Perrault*, ilustrada por *Gustave Doré*. Pode-se observar uma diversidade de estilos entre os inúmeros ilustradores que fazem parte dessa trajetória, sendo importante oferecer às crianças também uma diversidade de ilustrações. No século XIX, a Inglaterra se destaca na publicação de livros para crianças, com os chamados *chapbooks*. No século XX, os Estados Unidos passam a ter o controle do mercado. No Brasil, na transição do século XIX para o século XX, os livros infantis e juvenis começam a ser ilustrados. Em 1905, aparece *O Tico-tico*, primeira revista infantil. Nos anos 1960 e 1970, a editora *Globo* lança os *Contos de Andersen* e os *Contos de Grimm*, ambos ilustrados. Hoje há também livros apenas de imagens. O primeiro deste tipo data de 1975. Posteriormente, surgem os autores-ilustradores. Muitos dos ilustradores atuais aplicam técnicas tradicionais em novas mídias.